

## Conclusão

Como o Dror, um grupo com tantas especificidades, interagiu com a sociedade mais ampla da qual fazia parte? Não há uma resposta breve e única, ou melhor, as relações do Movimento com a sociedade mais ampla eram, como não poderiam deixar de ser, dialéticas. O Dror nem era um corpo estranho nesta sociedade, nem uma entidade orgânica da mesma apenas reproduzindo valores e padrões de comportamento. Como mostrei ao longo do trabalho, o Dror, por vezes, negava-os totalmente, por vezes, incorporava-os em seu cotidiano.

Quando tratei do contexto no qual o Dror estava inserido, utilizei, principalmente, duas referências: a sociedade brasileira e a coletividade judaica. Tanto uma como outra eram marcadas por hierarquias de classe, de gênero e etárias semelhantes, os ideais de ascensão e *status* social seguiam os padrões capitalistas, o modelo dominante de família era o burguês. O que parecia distinguir, na época, a coletividade judaica no Brasil da sociedade em geral era o que podemos chamar de questão da etnicidade; no Brasil, os judeus eram minoria e, embora lutassem por sua integração em termos econômicos e mesmo sócio-culturais, procuravam garantir suas especificidades através da preservação de certos costumes e tradições, utilizando para isso o incentivo a casamentos dentro do grupo judeu e, especialmente no período mais próximo à II Guerra, uma identidade acentuada com os judeus no mundo. O próprio Dror, ainda que não exatamente da mesma forma, priorizava a identidade judaica em detrimento de uma ligação com os brasileiros não judeus, procurava lutar contra a assimilação, promovia por muitos meios a ligação do *chaver* com o *povo judeu* e, embora atuasse na política brasileira e não tivesse nada contra o Brasil em si (pelo contrário), sua preocupação maior, sem dúvida, era com Israel. Além de adotar tradições revolucionárias importadas e incluir, em sua ação educativa, a *educação nacional*, o Movimento, por força de seu projeto político e social, reforçava aspectos específicos da cultura judaica (incluindo a língua hebraica), favorecia as amizades e as ligações afetivas dentro do meio judeu e, em última análise, casamentos endogâmicos. Como um movimento judaico, o Dror estabelecia uma oposição diante da sociedade mais ampla e sua pressão homogeneizadora, ao mesmo tempo em que estreitava laços com a coletividade judaica, reforçando seu lado etnocêntrico e promovendo, entre seus membros, um processo de rejudaiização.

Por outro lado, o Dror selecionava certos elementos que mais interessavam para forjar uma determinada identificação com o povo judeu, abrindo mão de outros que, em alguns setores da coletividade, também diferenciavam judeus, como, por exemplo, a religião mosaica - o Dror, ideologicamente, não só não era religioso como, em certos aspectos, anti-religião. A identidade judaica recriada e reforçada pelo Movimento era específica, fundamentalmente nacional, no sentido borochovista. Assim, o Dror afrouxava os laços de seus *chaverim* com o Brasil - a sociedade mais ampla e a Diáspora - em favor de uma postura mais universalista e da colaboração com Israel. Ao ter como projeto a *aliá*, o Dror ganhava adeptos entre um grupo da coletividade judaica, os que se diziam simpatizantes do sionismo socialista, mas também a forte oposição de famílias contrárias à emigração dos filhos no esquema proposto de proletarização, coletivismo e trabalho na terra. Quando o jovem vinha de uma família simpatizante do sionismo, seu ingresso no

Movimento era, de certa forma, um reforço à educação recebida em casa; quando não, a oposição ao projeto familiar provocava atritos inevitáveis. No caso da não aprovação dos estudos universitários, como foi visto, o Dror frustrava planos familiares de ascensão social. Boa parte da coletividade judaica, que encontrara espaço para o progresso econômico e a integração social no Brasil (recém saído de um período de anti-semitismo “semi-oficial”) não queria abrir mão de tais regalias conquistadas com a imigração e o trabalho na nova terra.

O Brasil, embora estigmatizasse o (que insistia em ser) diferente, oferecia, no pós-II Guerra, condições para as famílias judias prosperarem e sua juventude não encontrava problemas sérios de ajustamento em uma economia em desenvolvimento se seguisse os caminhos esperados. Ao incentivar, por parte de seus militantes, a adoção de um estilo de vida diferente dos jovens contemporâneos, o Dror recusava tais oportunidades oferecidas pela sociedade brasileira.

Por outro lado, o estudo e o aprimoramento cultural não eram descartados no Movimento, pelo contrário eram princípios destacados na *ação educativa* do Movimento (que, inclusive, incentivava o aproveitamento por parte de seus *chaverim* da “vida cultural” oferecida pelas cidades na época - exposições de arte, teatros, concertos de música erudita, cinemas, bibliotecas públicas). Entretanto, pelo menos no Brasil, esses princípios não apontavam o caminho das universidades e eram estimulados apenas na medida em que não colocavam obstáculos e, pelo contrário, que colaboravam para a criação do *novo homem*, segundo a ideologia pioneira definida ao longo do trabalho. Nesse sentido, conforme os argumentos e exemplos que apresentei nos capítulos II e III, o Movimento apegava-se ao patrimônio cultural da humanidade ligado às tradições humanistas, iluministas e românticas, colocando-o, de acordo com interesses e possibilidades, à disposição dos *chaverim*. (A vivência no Dror, nesse sentido, ampliava os horizontes intelectuais e culturais dados pela origem e condição social de muitos de seus militantes).

Herdeiros das tradições do sionismo socialista e de movimentos juvenis, delineadas no capítulo II, os *chaverim* no Brasil, como procurei mostrar em várias partes do trabalho, também atuaram com um certo grau de espontaneidade e criação na seleção, interpretação, divulgação e aplicação dos ideais pioneiros e no emprego da estrutura e metodologia inspiradas nos movimentos juvenis conhecidos.

Diferentemente do que ocorria fora, na sociedade em geral e na coletividade judaica, as diferenças de origem e condições materiais não eram reproduzidas pelos jovens no Movimento, conforme destaquei nos capítulos I e III. Ao reunir jovens judeus de famílias de distintas origens territoriais e padrões educacionais sem reforçar tais distinções (alvo de preconceitos que, por vezes, resultavam em discriminações dentro da coletividade) e, pelo contrário, dissolvendo estas “diferenças de berço” em função de uma identidade única, a de *chaver* do Movimento, o Dror caminhava numa direção oposta a do seu meio. Tentei mostrar também que a condição econômica não era um valor no Movimento não tendo qualquer peso na determinação da popularidade e do *status* do indivíduo dentro do grupo e não criando, na época, qualquer tipo de discriminação com relação aos *chaverim* mais pobres. Tais distinções sociais acabavam diluídas também na condição juvenil, na identificação coletiva e na informalidade das relações entre os companheiros.

Entretanto, as diferenças etárias marcavam uma escala de prestígio dentro do grupo, embora fossem todos jovens e o poder dentro do Movimento também dependesse de outras

coisas como capacidade de liderança, importância dos cargos e tarefas assumidos, dedicação ao Dror e destaque intelectual. Por outro lado, havia democracia formal no grupo e teoricamente todos, a partir de uma idade mínima, tinham chance de fazer valer suas opiniões. Os critérios de prestígio e liderança entre os *chaverim* eram internos, próprios do grupo.

O Dror entrava em choque com os valores dominantes ao questionar o capitalismo - o individualismo competitivo, o modelo do *self made man*, a busca do enriquecimento financeiro, o consumismo, as distinções e hierarquias baseadas em critérios econômicos, as desigualdades sociais - e propor um estilo de vida socialista radical: de cada um de acordo com sua capacidade, a cada um conforme suas necessidades, na medida das possibilidades coletivas. Tal proposta, como foi visto, não ficava apenas relegada ao futuro, era praticada em doses crescentes desde as faixas etárias mais novas à militância integral e *hachshará* dos mais velhos. Além disso, o Movimento apresentava uma nova escala de valores em que a importância do trabalho realizado por cada um seria dada em termos de competência e dedicação ao coletivo. A busca da aparência despojada e a idealização da vida no campo e do trabalho manual aumentavam ainda mais o choque entre a ideologia drorista e a hegemônica na sociedade mais ampla.

Como também salientei no capítulo II, havia ambigüidades no entendimento cotidiano do princípio da *hagshamá atzmit*, ora apontando para a abnegação pessoal em função do bem estar comum, ora atribuindo importância à satisfação pessoal (o que, em última instância, conduz à valorização do indivíduo); o meio termo era a promessa do conforto espiritual dado pela vida dedicada ao ideal pioneiro (em que teoricamente não haveria contradição entre individual e coletivo). Em termos concretos, demonstrei os limites desta idéia (ao longo do capítulo III, especialmente nos itens dedicados à questão *indivíduo e coletivo*, aos *desvios de rumo* e à vida na *Hachshará*), quando a ideologia parece não ter sido suficiente para proporcionar uma convivência harmônica entre certos *chaverim* e o grupo. Por outro lado, mostrei que *chaverim* mais convictos ou integrados foram capazes de investir grandes esforços pessoais em função das idéias do Movimento tomadas também como suas. Ficou claro também como e por que, no Movimento, era difícil a coexistência de vozes muito dissonantes e graves comportamentos desviantes.

O Dror se opunha ideologicamente à dupla moral sexual, à hierarquia de gênero, que subordinava o feminino ao masculino, e à hierarquia etária dominantes tanto no ambiente judaico e familiar quanto na sociedade mais ampla.

Com relação à questão etária, mostrei os limites e as possibilidades do Movimento em criar um espaço de autonomia juvenil em relação aos adultos (familiares, professores, membros do Poalei Tsion e o mundo adulto em geral) e proporcionar aos jovens, ainda no Brasil, oportunidades de criação cultural, de organização de grandes eventos (como acampamentos e seminários em que cuidavam também de toda a infra estrutura), de participação política e de posicionamento diante do próprio destino raras para esse grupo etário no meio em que viviam. O Movimento também dava subsídios para que os *chaverim* alargassem seu horizonte cultural para além do fornecido pela família e pela escola e participassem, eles próprios, desse processo, não só como educandos, mas também como educadores, responsáveis pelo aperfeiçoamento pessoal e pela formação dos companheiros um pouco mais novos. No desenvolvimento da *ação educativa* drorista, boa parte da dinâmica das palestras, leituras e atividades ficava a cargo dos próprios educandos. O

jovem no papel de *madrich* vivenciava a experiência “socialmente precoce” de ser um orientador, um professor, um guia de jovens. Com toda a necessidade de doutrinação e militância, o Movimento propiciou entre os *chaverim* a formação de uma consciência crítica (que, como mostrei, por vezes, se voltou contra ele mesmo). Com direitos e deveres ampliados, a posição atribuída aos jovens no Dror e sua atuação no Movimento contribuíram, em sua época, para a redefinição do conceito de juventude conferindo a esta um grau maior de responsabilidade social, maturidade, capacidade de organização e auto gestão e promovendo um avanço em seu papel de simples promessa para o de participante na transformação social, a “regeneração individual e coletiva”. O trabalho específico que fiz a respeito dos jovens do Dror permite também o questionamento de esquemas de interpretação e pressupostos sobre “a Juventude” como se fosse uma entidade única e homogênea e as visões mais correntes sobre os jovens dos Anos Dourados (sempre comparados aos rebeldes dos Anos 60) - “alienados”, “ingênuos” ou “sem causa” - ou outras menos comuns - “precursores dos ativistas da década seguinte”, “inconformados e rebeldes” em seu próprio tempo -, mas sempre muito genéricas.

Ao longo de todo o trabalho, fui mostrando os aspectos dialéticos da relação entre mundo jovem e o mundo adulto desenvolvida no Movimento juvenil e no contato deste com a coletividade judaica e a sociedade mais ampla. Concluí, entre outras coisas, ser um equívoco afirmar pura e simplesmente que, por se tratar de um movimento juvenil (em que a juventude acaba sendo um valor), o Dror estimulava o conflito de gerações, no sentido amplo, entre os jovens e os adultos. Mostrei que, ideologicamente, o Dror não aceitava outra divisão política da humanidade que não a de classes, negando a separação do mundo em gerações e o conflito entre elas como um motor da mudança histórica. Afirmei que, para além de desafiar os pais, acima de tudo, o Dror se colocava contra o estilo de vida considerado passivo, mesquinho e pequeno burguês dos judeus da Diáspora, que, por sua vez, era identificado com a geração dos pais, mas não só, pois os jovens contemporâneos acomodados, egoístas, indiferentes aos interesses nacionais e sociais, eram igualmente criticados. Da juventude judaica, a drorista considerava-se a melhor parte. O Movimento sim acreditava no potencial criador da juventude, enfatizava a energia e a disponibilidade juvenis, mas não fazia uma oposição imediata entre jovens e adultos, procurando valorizar a juventude em si mesma contra os mais velhos em geral. Pensadores, ideólogos e políticos adultos, alguns com fios de cabelo ou barba brancos, entravam juntamente com os destemidos jovens combatentes e *chalutzim* na galeria dos heróis do Movimento. As críticas mais duras e as campanhas de oposição ao modo de pensar e ao estilo de vida dos pais surgiam em decorrência das posições tomadas pelo Movimento em favor da *aliá dos filhos* nos moldes *chalutzianos*, o que levava a conflitos familiares mais que, propriamente, a conflitos geracionais. Por outro lado, o Movimento procurava explicitamente suplantiar a educação dos meios familiar e escolar justificado pelas posições críticas delineadas no capítulo II. Em sua defesa da proposta educacional *kibutziana*, o Dror afirmava, entre outras coisas, que seria promovida por pessoas preparadas, proporcionaria aos jovens um maior espaço de autonomia ao mesmo tempo em que garantiria uma maior qualidade na dedicação dos pais a seus filhos. Reconhecidamente, (embora isso não possa ser medido, mostrei algumas das conquistas assim como frustrações) o Dror cumpriu boa parte dos objetivos de sua ação educativa nos campos do social, do caráter, do intelecto, do físico e do sexo, superando aspectos da formação escolar e familiar dos *chaverim*.

Ao tratar das relações entre o Dror e a coletividade judaica, ressaltei que, por não haver uma comunidade judaica homogênea e coesa, estas variavam entre dois pólos: determinados grupos e famílias davam amplo apoio ao Movimento, enquanto outros procuravam manter uma distância considerável dos “incômodos” *chaverim*, sempre dispostos a lembra-lhes a fragilidade de sua condição de judeus e a levar seus filhos para o trabalho braçal em Israel. Mostrei também que estas relações variaram de acordo com a distância temporal do episódio do Holocausto e o grau de entusiasmo sionista, a grosso modo decrescente desde a fundação do Estado de Israel.

Ao falar das relações entre os jovens, na condição de membros do Movimento, e suas famílias, delinee as formas específicas do que chamei, entre aspas, de “oposição à família de origem” desenvolvidas em um grupo juvenil que proporcionava aos seus membros espaços para o desenvolvimento de modos de pensar e parâmetros de comportamento específicos distintos dos de seus familiares. Em termos simbólicos, a construção do *novo homem* justificava a oposição ao que era visto como arcaico, a crítica aos valores existentes. Além disso, a ideologia compartilhada passava a ser fundamental no estabelecimento de laços, gostos, compromissos e prioridades, distanciando os *chaverim* de todos os que trilhassem caminhos diferentes dos seus (fossem eles jovens ou adultos). E, por fim, através de vários mecanismos, descritos no meu trabalho, o Dror entrava em choque com as famílias ao interferir em esferas comumente consideradas “assuntos de família”.

Ideologicamente, os *chaverim* criticavam o modelo de família burguês e se propunham a adotar o padrão que esperavam encontrar no kibutz; sobre tal expectativa, dediquei especialmente dois itens trabalho, chegando à conclusão de que, embora eles tivessem como referencial principal a “fase revolucionária” dos *kibutzim*, a postura antifamília nunca foi hegemônica no Movimento. No que diz respeito às famílias concretas, as relações dos *chaverim* variavam em cada caso; estas variações, mencionadas no trabalho, revelaram os limites e as possibilidades da *ação educativa* do Movimento no Brasil, de sua postura crítica diante da família de origem e de sua proposta de substituição dos laços familiares pelos de solidariedade grupal.

Examinando as idéias e os padrões de comportamento hegemônicos no Dror, mostrei como se criava de diversas formas, a partir de uma certa etapa da vivência drorista e do grau de envolvimento na militância, um distanciamento entre os *chaverim* e os jovens de sua época, ao mesmo tempo em que crescia a coesão interna do grupo. Tais padrões de comportamento serviam também para promover a ruptura dos *chaverim* com a Diáspora e uma aproximação estudada com a cultura israelense e kibutziana.

Com relação à moral sexual e às questões de gênero, o Dror se colocava, em grande parte, contrário à tendência dominante. Valorizava e promovia a educação sexual num sentido amplo - da fisiologia aos aspectos sociais e morais da atividade sexual -, destacando também a importância da orientação e acompanhamento individuais, num tempo em que não só isso tudo era impensável nas escolas, como também o próprio assunto era tabu. Por outro lado, tinha como princípio procurar vincular a prática sexual ao amor e a uma concepção própria de maturidade, colocando limites à iniciação sexual, à liberalização do sexo e à promiscuidade.

Ideologicamente, o Movimento era favorável à emancipação feminina. Procurava promovê-la juntamente com a igualdade entre os sexos. Não só reservava às mulheres na *nova sociedade* oportunidades iguais de educação e participação social com relação aos

homens, como procurava aplicar esses princípios entre os próprios jovens no Brasil. O Dror dedicava-se à educação mista e ao estímulo ao sentimento de igualdade e respeito nas relações entre os sexos. Abria espaço para discussões sobre a condição feminina, o papel da mulher e o amor livre. Criticava a subordinação feminina, a dupla moral sexual e hierarquias de gênero no casamento e nas relações familiares nos moldes burgueses. Em termos práticos, entretanto, como procurei mostrar no trabalho, a igualdade sexual encontrou barreiras para se desenvolver plenamente no Movimento juvenil especialmente no período que antecedia à Hachshará Ein Dorot.

Na busca da profissionalização, as distinções de gênero dominantes eram, em certa medida, diluídas, rompendo com preconceitos existentes com relação ao trabalho das mulheres e a sua atuação em campos tidos como masculinos, mas eram, por outro lado, reforçadas pelo fato de que a maioria das moças buscava ofícios tradicionalmente vistos como apropriados à mulher.

Nas divisões de tarefas na militância cotidiana, nos acampamentos e na Hachshará não havia praticamente distinções entre funções femininas e masculinas em atividades como educar, orientar, cozinhar, limpar, lavar e quaisquer outras que não exigiam muita força física. Realizar trabalhos que, fora do Dror, eram considerados função de outro sexo aparecia como um sinal de desprendimento de preconceitos burgueses e dedicação aos valorizados ideais pioneiros. Quanto às hierarquias, na estrutura do Movimento, a questão etária interna era fundamental enquanto as diferenças de gênero eram irrelevantes. Com relação às lideranças, não havia discriminação do feminino diante do masculino. Entretanto, embora aparentemente houvesse oportunidades iguais, muitas *chaverot* não aproveitavam o espaço aberto para tornarem-se dirigentes oficiais do Movimento reproduzindo a tendência da sociedade mais ampla de reservar a dirigência política ao masculino. Em termos de participação nas *kvutzot*, nas assembleias, na tomada de decisões em geral e na elaboração de material educativo, rapazes e moças efetivamente atuavam por igual. Entre os heróis do Movimento encontravam-se homens e mulheres. No ideal de *chalutz* não havia distinções de gênero, num tempo em que o pensamento dominante na sociedade mais ampla reservava às jovens o ideal da “moça de família”, futura “rainha do lar”. O ideal do *chalutz* criava uma certa distância entre as expectativas de gênero hegemônicas, especialmente com relação ao feminino, existentes no Dror e na sociedade mais ampla, abarcando, em termos concretos, tanto aspectos relativos à aparência quanto à postura e comportamento. Por outro lado, alguns sinais de feminilidade e masculinidade reconhecidos como tais se mantinham entre os *chaverim*, sem, contudo, comprometer a ideologia que atribuía funções e oportunidades iguais para ambos os sexos. O Movimento proporcionava um convívio intenso entre rapazes e moças não tão comum entre os jovens contemporâneos e apresentava aos *chaverim* padrões mais igualitários de comportamento: as *chaverot* participavam politicamente, desenvolviam habilidades para além das necessárias aos papéis prioritariamente reservados à mulher na família-modelo, e conheciam pessoas que valorizavam sua atuação. Na própria oposição à família burguesa, que caracterizava a ideologia do Movimento, vinha embutida a crítica à mulher com preocupações restritas aos afazeres domésticos, ao marido e aos filhos. Enfim, conforme procurei deixar claro, inspirada pelos depoimentos e pela documentação, o Dror não só se mostrava como uma alternativa às relações de gênero dominantes para o futuro (propondo a responsabilidade coletiva no cuidado das crianças, a perspectiva das oportunidades iguais de trabalho, de uniões

baseadas apenas no afeto mútuo e a não exigência do casamento e da maternidade para a realização feminina), no kibutz, como viabilizava, no presente, entre seus *chaverim*, relações de gênero um tanto distintas das que predominavam fora, na sociedade mais ampla.

Os maiores problemas com relação à superação das representações de gênero dominantes na sociedade e à aplicação de alternativas mais libertárias com relação à mulher relacionavam-se à sexualidade. Um dos entraves principais era a valorização da manutenção da virgindade feminina até o casamento que, embora contradissesse a postura institucional do Movimento, estava nas mentes de boa parte dos *chaverim* e *chaverot* do Dror dando o tom de ou servindo como referência para seus relacionamentos sexuais e afetivos. A utilização do serviço de prostitutas por parte dos rapazes (aspecto que destaquei no item *os chaverim e as regras não escritas*) mostrou vários dos limites da ideologia drorista no que diz respeito à liberdade sexual igualitária para homens e mulheres e à sua crítica à não exploração econômica do sexo e, por outro lado, deixou clara a força da ideologia dominante na sociedade mais ampla, que permitia aos rapazes a liberdade sexual que negava às moças merecedoras de respeito. Os avanços da *ação educativa* do Dror, nesse sentido, ficaram principalmente por conta do tratamento diferencial e mais igualitário recebido pelas moças do Movimento por parte de seus companheiros. No trabalho, deixei claro também que a herança familiar judaica e a moral social dominante, além do medo da punição social e/ou da gravidez indesejada foram contrapesos a tendências revolucionárias no que diz respeito à sexualidade no Movimento, incluindo a questão do *amor livre*. Por outro lado, várias pessoas, especialmente as moças, encontraram no Dror um espaço de mais liberdade para a manifestação da sexualidade. Como nunca ficou definido qual a conduta sexual seria a regra ou a bandeira a ser defendida, havia no Dror, portanto, pelo menos teoricamente, liberdade em termos de sexualidade desde que, no relacionamento a dois, houvesse consentimento mútuo (o padrão heterossexual estava implícito). Por outro lado, a ênfase ideológica na liberdade sexual e na crítica ao moralismo burguês era limitada pelo recato dos *chaverim* fruto da educação recebida, do temor das sanções sociais, das fofocas e censuras decorrentes do próprio moralismo dos companheiros e da idéia de dedicação prioritária à militância. Entretanto, em termos de despertar a desaprovação dos companheiros, a ausência de virgindade não era tão relevante quanto as freqüentes trocas de parceiros, regra implícita que servia tanto para moças quanto para rapazes, pois, mesmo aceitando, majoritariamente, em tese, a liberdade no *amor* - uniões que prescindem do casamento formal e nas quais homens e mulheres gozam de igualdade de condições, ou seja, uma relação distinta do namoro e do matrimônio burguês, relacionamentos em que impera uma dupla moral - o ideal da monogamia prevalecia no Movimento. Por outro lado, algumas jovens chegavam a ser admiradas por assumirem uma vida em comum com o namorado. Os costumes conservadores em choque com as idéias revolucionárias, nesse aspecto da sexualidade feminina, produziavam, em termos concretos, no Dror, uma postura dúbia. Com relação às *chaverot* que manifestavam mais livremente sua sexualidade ou se envolviam com vários rapazes, a reação no Movimento ficava entre o respeito pela individualidade, na medida em que ter tal comportamento sexual era ideologicamente aceito, e a desaprovação velada, posto que os *chaverim* eram jovens de seu tempo e sofriam as influências morais da sociedade mais ampla em que viviam e das famílias judaicas que os abrigavam e educavam.

Levantei, a partir de uma análise comparativa e cuidadosa dos depoimentos, a possibilidade de ter ocorrido mudanças na postura dos *chaverim* diante das manifestações

socialmente mais visíveis do afeto heterossexual e da sexualidade no sentido de um maior puritanismo (caracterizado no capítulo III) à medida que se aproximava o final da década de 50, as idéias droristas iam se cristalizando e as cabeças do Movimento, os *mais velhos* então, vinham da geração educada desde o início da adolescência no Dror.

E, por fim, demonstrei como, apesar dos viéses dos depoimentos individuais apontarem freqüentemente na direção contrária, no Dror foi possível a convivência de vários tipos de relações íntimas entre os sexos. Isso se deu, entre outras coisas, graças à idéia de amor livre, qualquer que tenha sido a leitura que dela fizeram, e ao não dogmatismo drorista em assuntos como esse. Além disso, em muitos casos, o peso da subjetividade mostrou-se mais relevante que as influências do Movimento ou da sociedade mais ampla na conduta sexual assumida por determinadas pessoas.

Partindo do princípio de que as concepções baseadas na diferença sexual e etária são produtos do processo histórico, mostrei, ao longo do trabalho, como as vivências de rapazes e moças no Dror, suas visões sobre o que era próprio ou socialmente aceito para homens e mulheres e para jovens judeus na luta revolucionária, no Movimento juvenil e na sociedade que pretendiam forjar, foram frutos de seu tempo. Foram construídas, recriadas e mantidas em um processo de inter-relações de determinações sociais (limites e possibilidades) e a ação, atitudes e interpretações, dos sujeitos históricos envolvidos. Desenvolveram-se no cotidiano de uma geração formada, em sua maioria, por imigrantes ou descendentes de imigrantes judeus que desembarcaram no Brasil fugindo da pobreza e/ou de perseguições anti-semitas da Europa. Forjaram-se na intersecção entre as tradições judaicas, a cultura familiar, a herança dos movimentos juvenis sionistas socialistas, a motivação pioneira que impregnou os jovens no final da II Guerra, as idéias do movimento kibutziano e as relações interétnicas, etárias, de classe e de gênero que caracterizavam a sociedade urbana brasileira dos anos 40 e 50. E, finalmente, foram moldadas pelas vontades, reflexões e experiências desses jovens idealistas com os olhos voltados para Israel.

Quanto ao ideal da *proletarização*, mostrei em que medida era fruto de uma visão específica dos *chaverim* muito marcados pela tradição chalutziana e por seu *background* de classe média. No período anterior ao ingresso na Hachshará, o dito processo de *proletarização*, embora iniciado entre os *chaverim* a partir dos 16 anos, dava-se com limites (menores entre os que participavam da Comuna); em Ein Dorot, mesclado com a experiência coletivista, alcançava um certo avanço, mas ainda era, acima de tudo, uma promessa.

Sistematizei dados e dei espaço a documentos de época e depoimentos ao tratar da vida na Hachshará, da experiência do igualitarismo e das atividades desse “mini-kibutz”. Também mencionei as idéias e as práticas desenvolvidas - na busca da ruptura com o modo de vida da Diáspora e os valores dominantes da sociedade mais ampla - em Ein Dorot. De quem cumpriu seu período de *hachshará*, muitas mudanças pessoais foram exigidas. Entretanto, o período de um ano era curto para se afirmar a consolidação de tais mudanças e afinal, os *chaverim* ainda não haviam chegado ao kibutz.

Afinal, eles ainda eram jovens.